



com **Luiz Gustavo Nussio**



Entre os melhores do mundo

Diretor da Esalq, Luiz Gustavo Nussio fala sobre a 26ª posição da escola entre os melhores cursos de agronomia do mundo

Quando foi eleito para o cargo de diretor da Esalq (Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz), em 2014, Luiz Gustavo Nussio, 50, sabia que teria o desafio de estar no comando de uma das maiores instituições de ensino do país, porém, não sabia quais seriam os obstáculos que encontraria pela frente. Desde então o caminho trilhado por ele tem sido marcado pelo enfrentamento de tribulações e uma série de conquistas.

Logo que assumiu o cargo, um dos primeiros desafios foram os trotes violentos praticados por alunos veteranos contra os novatos. O problema teve grande repercussão e foi investigado pela Alesp (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo) duran-

do registrados episódios de trotes violentos no início do ano letivo de 2016.

Entre as principais conquistas recentes da instituição está o levantamento feito pela organização britânica Quacquarelli Symonds, que avaliou o curso de agronomia da Esalq como o 26º do mundo em um ranking com os 50 melhores do planeta ao longo de 2015. Ainda assim, Nussio procura não comemorar, “para não transmitir a noção equivocada de que a missão está cumprida”.

Natural de Jundiá, Luiz Gustavo Nussio é agrônomo formado pela Esalq e doutor pela Universidade do Arizona (EUA). Morador de Piracicaba desde 1984, é casado e tem três filhos. Além de diretor, atua como docente no Departamento de Zootecnia, onde leciona na disciplina Conservação de Alimentos para Animais. “Workaholic”, trabalha cerca de 14 horas por dia. “Chego na Esalq antes das 7h e só vou embora depois das 20h”, disse. Nos momentos de lazer, gosta de caminhar e pescar, embora tenha feito isso raramente. Se considera viciado em Sodoku, um quebra-cabeça baseado na distribuição lógica de números em quadros, atividade que pratica para manter o raciocínio lógico ativo.

O curso de Agronomia da Esalq figurou mais uma vez entre os melhores do mundo. Como o senhor avalia esta informação?

Precisamos nos policiarmos porque, ao mesmo tempo que é muito prazeroso, o ranking pode ter seu viés negativo ao transmitir a noção equivocada de que a missão está cumprida e nada mais resta a ser feito. Não posso dizer que isso não nos agrada, pelo contrário, ficamos muito orgulhosos, mas em nenhum momento o ranking norteia nossas decisões. Antes mesmo dos rankings aparecerem, a Esalq sempre trabalhou para estar bem e, no meu entendimento, esse bom desempenho se deve à alta capacidade das diretorias anteriores na gestão da instituição. Há ainda o legado de Luiz de Queiroz, que é algo mítico e não tan-

gível e nos faz sonhar com algo sempre maior, sem nos conformarmos ou acomodarmos.

Quais são os reflexos na instituição após a divulgação do ranking?

O ranking deve ser um instrumento de marketing poderoso, mas não é. Curiosamente, ele não proporciona nenhum reflexo no nosso dia a dia. As informações divulgadas pela mídia atingem um raio de pessoas muito restrito e eu atribuo a culpa disso à própria Esalq. Por isso estamos nos organizando para lançar em breve um plano de marketing profissionalizado, com apoio de um escritório que ficará responsável pelo relacionamento institucional, tratando a imagem da Esalq de forma profissional. A proposta é promover uma conexão melhor com a sociedade, que passará a ouvir de nós o que queremos que ela saiba. Notamos a necessidade desta estrutura quando percebemos que parte dos problemas que tivemos no passado foram agravados pela distância que mantínhamos da sociedade.

Na prática, como isso vai funcionar?

A maior parte da população não tem noção da importância da Esalq em seu dia a dia. Precisamos mudar este cenário, afinal, somos bancados por recursos pagos pelos cidadãos. Se a pessoa vai ao varejo e encontra uma grande quantidade de produtos, por exemplo, isso é resultado do trabalho de pesquisadores da Esalq, que interferem diretamente na sua rotina. No entanto, não é culpa do indivíduo não saber disso. Nós como instituição é que temos a obrigação de nos comunicarmos melhor e isso está próximo de acontecer.

A questão do trote foi superada na Esalq?

Esse ano não tivemos nenhuma ocorrência de trote, não houve nenhuma denúncia. Penso que um pouco do bom comportamento notado este ano, e digo “pouco” para não parecer ufanista, decorre da estrutura estabelecida pela instituição no combate a es-

“

A Esalq sempre trabalhou para estar bem e esse bom desempenho se deve à alta capacidade das diretorias anteriores

”

te a CPI do Trote, em universidades estaduais paulistas. Depois disso, uma série de medidas foram implementadas pela direção da Esalq, permitindo que a situação voltasse ao controle da instituição, sem que tenham si-



te problema. Esse caminho foi duro porque nos forçou a aprender a encarar o problema da forma correta e este bom desempenho resulta, em parte, de um conjunto de estruturas que estão funcionando. Cito como exemplo as múltiplas formas de denunciar problemas e a transparência como nós lidamos com isso perante à reitoria e ao Ministério Público. Os alunos ingressantes foram massivamente informados dos riscos de se envolver nesse tipo de episódio e das penalizações decorrentes disso. Todos também foram informados dos direitos que estavam assegurados. Não considero que a solução seja definitiva, mas estou certo que vivemos em um ambiente equilibrado e melhor, diferente do que existia antes.

Recentemente, o senhor se manifestou sobre as dificuldades da Esalq em receber

pelos danos ocasionados pela construção do Anel Viário. Como está esta questão?

A obra está chegando ao fim e o que as pessoas talvez não saibam é que, para viabilizar o projeto do Anel Viário, a Esalq disponibilizou 16 hectares de suas terras. Estamos aguardando a compensação dessa área, o que até o momento não ocorreu. Minha preocupação é deixar claro para a sociedade e para o município que somos totalmente favoráveis a esse complexo viário, mas que estamos enfrentando problemas para receber a contrapartida estabelecida no início da obra.

Como é para o senhor estar à frente da instituição neste momento de efervescência política?

O nosso campus se mantém bastante ponderado quanto a isso. Ainda que a polarização

seja própria do ambiente universitário, não arrisco dizer qual é a preferência da maioria. Do ponto de vista político, é lógico que o país precisa de uma nova solução, porque o que está aí já se mostrou incapaz de resolver a situação. Não me refiro ao governo, mas a o modelo político que ele oferece. A própria USP está refém neste momento, porque a arrecadação do Estado caiu consideravelmente, o que reflete na interrupção de alguns projetos.

Como, na prática, a crise afetou a rotina da Esalq?

Nós tivemos que cortar muitos custos, mas também creio que enxugamos muita gordura, ou seja, eliminamos os excessos. A crise nos trouxe um ambiente de compartilhar bens que antes a universidade usava mal, com menos rigor, é preciso reconhecer isso. Quanto aos prejuízos em graduação, considero que o maior deles é pelo fato da universidade não realizar contratações, especialmente de docentes. Hoje as contratações acontecem muito timidamente em um ritmo insuficiente para manter o padrão de qualidade que almejamos. A reitoria da USP já sinalizou que deve autorizar novas contratações para o segundo semestre e a minha preocupação maior nesse momento é quanto à reposição de pessoal. Não sabemos para onde o Brasil vai, mas temos certeza de que as coisas não serão mais como eram antes.

Como estão as finanças da Esalq atualmente?

Administramos um orçamento anual de R\$ 50 milhões, dos quais R\$ 10 milhões são provenientes da USP e R\$ 40 milhões são captados por nós externamente, por meio de convênios mantidos com a iniciativa privada. Somado a isso, a USP também arca com a folha de pagamento da Esalq, que gira em torno de R\$ 200 milhões por ano. Temos 250 docentes, 750 funcionários, 2.300 alunos de graduação e 1.200 de pós-graduação. Além disso, visitam a Escola cerca de 1.000 pessoas por dia. Esse conjunto de pessoas que transitam aqui tem um custo anual considerável que, se for dividido pelo total de estudantes, cada aluno da Esalq custará R\$ 5.200 por mês, o que equivale há mais de R\$ 60 mil por ano.

Já é possível vislumbrar qual será o legado do seu mandato à frente da Esalq?

Enfrentei um primeiro ano bastante desafiador tanto pelas questões locais como pelo contexto nacional. É fundamental nessa hora um dirigente ter paciência e serenidade. No mesmo sentido, é preciso se cercar de pessoas competentes, por isso eu e meu vice, o professor Durval Dourado Neto, nos rodeamos de pessoas em quem confiamos. ■

Claudio Coradini/JP

